

Fatores associados ao Bem-Estar Subjetivo em pessoas casadas e solteiras

Factors associated with the subjective well-being in married and unmarried people

Fabio **SCORSOLINI-COMIN**¹
Anne Marie Germaine Victorine **FONTAINE**²
Sabrina Martins **BARROSO**¹
Manoel Antônio dos **SANTOS**³

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar os fatores associados ao Bem-Estar Subjetivo em pessoas casadas e solteiras. Participaram três grupos independentes (casados, solteiros que namoram e solteiros que não namoram), selecionados por critérios de conveniência (n = 374). Instrumentos: Escala de Bem-estar Subjetivo, Questionário de Conjugalidade dos Pais e Escala Fatorial de Satisfação com o Relacionamento de Casal. Foram realizadas análises descritivas, correlacionais, de regressão linear múltipla e comparação entre os grupos. A satisfação quanto à atração física e sexualidade está associada ao Bem-Estar Subjetivo nos casados. A percepção sobre a conjugalidade dos pais é o fator mais associado a esse bem-estar nos solteiros e na amostra geral. Embora a conjugalidade dos pais revele-se importante na estruturação do bem-estar na vida adulta, a experiência conjugal pode diminuir o impacto das experiências na família de origem, remalhando os vínculos iniciais considerados negativos. Novos estudos são necessários para dar suporte a essas conclusões.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo; Relações conjugais; Satisfação com a vida.

Abstract

The aim of this study was to investigate the predictors of Subjective Well-Being in married and unmarried people. Three independent groups of people (married couples, singles dating, and singles not dating), selected using convenience sampling (n = 374), participated in this study. The instruments used were: Subjective Well-being Scale, Parental Conjugality Questionnaire, and Factorial Scale of Couple Relationship Satisfaction. The data were evaluated using

▼ ▼ ▼ ▼ ▼

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Psicologia. Av. Getúlio Guaritá, 159, 3º andar, Abadia, 38025-440, Uberaba, MG, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: F. SCORSOLINI-COMIN. E-mail: <fabioscorsolini@gmail.com>.

² Universidade do Porto, Centro de Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Porto, Portugal.

³ Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Artigo derivado da tese de F. SCORSOLINI-COMIN, intitulada: "Família, sujeito composto: conjugalidade dos pais e sua relação com o bem-estar subjetivo e a satisfação nos relacionamentos amorosos dos filhos". Universidade de São Paulo, 2012.

Suporte: Programa Santander de Bolsas de Mobilidade Internacional e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

descriptive statistics, correlation analysis, multiple linear regression analysis, and comparison between the groups investigated. It was found that physical attraction and sexual satisfaction are associated with the Subjective Well-Being in married people. The perception of parental conjugality was the factor most strongly associated with the Subjective Well-Being in single people and the whole sample. Although parental conjugality proved to be important to promote the well-being of adults, marital experiences can reduce the impact on family-of-origin experiences, breaking the initial bonds that were considered negative. Further studies are needed to support these findings.

Keywords: Subjective well-being; Marital relations; Satisfaction.

O Bem-Estar Subjetivo refere-se às avaliações cognitivas e afetivas da vida como um todo (Diener, Gohm, Suh, & Oishi, 2000; Diener & Lucas, 2000), sendo considerado uma dimensão positiva da saúde mental. Em outras palavras, é um conceito que se refere a como as pessoas se sentem e avaliam suas vidas (Woyciekoski, Stenert, & Hutz, 2012). Seus primeiros registros na literatura datam da década de 1960. Há certo consenso de que o Bem-Estar Subjetivo apresenta uma estrutura tripartite. Uma delas concerne ao julgamento cognitivo sobre a satisfação de vida. As outras duas correspondem aos componentes afetivos: afetos positivos e negativos. A satisfação de vida trata do contentamento geral com a mesma, ao passo que os afetos positivos e negativos referem-se a experiências emocionais, de modo que um elevado Bem-Estar Subjetivo envolve altos níveis de afetos positivos, baixos índices de afetos negativos e alta satisfação de vida (Albuquerque, Lima, & Matos, 2012; Albuquerque & Tróccoli, 2004; Layous & Zanon, 2014; Lucas & Diener, 2010; McCullough, Huebner, & Laughlin, 2000; Scorsolini-Comin, Fontaine, Koller, & Santos, 2013).

Os determinantes desse bem-estar incluem tanto fatores intrínsecos como extrínsecos relacionados à cultura e aos eventos de vida. Ao discutirem sobre os fatores que influenciam o Bem-Estar Subjetivo, Albuquerque e Tróccoli (2004) e Lykken e Tellegen (1996) apontam que esse construto sofre influência tanto cultural (experiências compartilhadas que formam a base de uma maneira similar de se ver o mundo) quanto hereditária. O sentido das experiências dos indivíduos é construído socialmente por meio de crenças, pressuposições e expectativas sobre o mundo, associadas também à transmissão que ocorre no âmbito da família.

Em termos da influência social sobre o construto, um estudo com estudantes dos Estados Uni-

dos da América (Diener & Seligman, 2003; Snyder & Lopez, 2009) concluiu que as qualidades de boa saúde mental e bons relacionamentos interpessoais surgiam constantemente na vida dos jovens adultos mais felizes da amostra, destacando-se a importância de um bom funcionamento social. No que diz respeito à hereditariedade, estudos sobre a satisfação de vida mostram que a genética está fortemente associada ao Bem-Estar Subjetivo, sobrepondo-se aos elementos culturais (Lucas & Diener, 2010).

Ainda em termos dos fatores associados a esse bem-estar, destacam-se as variáveis de personalidade. A extroversão, que envolve a facilidade de comunicação e expressão de sentimentos, assertividade e sociabilidade, está relacionada aos afetos positivos e aos elevados níveis de Bem-Estar Subjetivo, apresentando um modo mais positivo de ver o mundo. O neuroticismo envolve elementos como ansiedade, insegurança, depressão, instabilidade emocional e pensamentos negativos, estando relacionado a maiores níveis de afetos negativos e baixos índices de Bem-Estar Subjetivo. O otimismo, o *coping* e as experiências de gratidão também se relacionariam ao construto (Nunes, Hutz, & Giacomoni, 2009; Zanon & Hutz, 2014).

No rol dos determinantes extrínsecos do Bem-Estar Subjetivo, a literatura científica também tem associado o bem-estar aos relacionamentos interpessoais, entre eles a amizade (Souza & Duarte, 2013) e a conjugalidade (Scorsolini-Comin & Santos, 2012a). Díaz Llanes (2001) aponta que as pessoas casadas ou que vivem em união consensual, de ambos os sexos, apresentam maiores níveis de bem-estar do que aquelas que nunca foram casadas, as divorciadas e as viúvas. Dados semelhantes também foram encontrados por Diener et al. (2000) e Diener e Lucas (2000). Esses achados podem ser um indi-

cativo de que uma relação conjugal considerada satisfatória, que forneça adequada segurança emocional e apoio social, pode prover o casal de relações sociais significativas e nível apropriado de suporte material, emocional, econômico, instrumental e de informação, o que medeia positivamente a relação estabelecida com o meio.

A experiência da conjugalidade está associada à satisfação com a vida, sendo que as pessoas não casadas manifestam níveis mais elevados de depressão (Galinha, 2008; Hong & Duff, 1997). Similarmente, aponta-se que indivíduos com elevados índices de Bem-Estar Subjetivo têm maior tendência a se casarem, sugerindo uma influência bidirecional, ou seja, quem tem alto Bem-Estar Subjetivo tende a se casar e pessoas casadas tendem a registrar alto Bem-Estar Subjetivo. Mais do que o estado civil, é importante que se reconheça a importância de uma relação amorosa satisfatória que forneça aos cônjuges sentimentos de autoestima, pertença, gratidão, conforto emocional e apoio social (Dush & Amato, 2005; Seligman, 2011; Souza & Duarte, 2013). A conjugalidade pode estar relacionada à felicidade, segundo Myers (1999), pelo fato de reforçar a autoestima do indivíduo, na medida em que favorece situações de maior intimidade por meio de relações duradouras e de apoio. Para Diener et al. (2000) e Seligman (2011), os sujeitos mais felizes tendem a se envolver mais em relacionamentos amorosos, a ter vida social mais rica e a apresentar ótimos relacionamentos interpessoais.

A partir dessas considerações, o objetivo deste estudo foi investigar os fatores associados ao Bem-Estar Subjetivo em pessoas casadas e solteiras. A hipótese construída a partir da literatura é a de que a conjugalidade está associada ao Bem-Estar Subjetivo, sendo um fator importante a ser considerado na estruturação tanto das dimensões emocionais quanto das cognitivas do construto (Díaz Llanes, 2001; Dush & Amato, 2005; Scorsolini-Comin & Santos, 2012a; Seligman, 2011; Suhail & Chaudhry, 2004).

Essas investigações consideram, no entanto, apenas a avaliação da conjugalidade dos próprios indivíduos como determinantes do Bem-Estar Subje-

tivo. No presente estudo, a avaliação desse aspecto abarca também o modo como se percebe o casamento dos genitores, a partir do conceito de conjugalidade dos pais (Scorsolini-Comin, Fontaine, & Santos, 2015; Ziviani, Féres-Carneiro, & Magalhães, 2011; Ziviani, Féres-Carneiro, Scorsolini-Comin, & Santos, 2015), o qual considera que as memórias acerca do casal parental são estruturantes do psiquismo e da vida amorosa adulta. Desse modo, as percepções construídas sobre a relação conjugal dos pais estariam relacionadas ao modo como o adulto estabelece sua própria conjugalidade (Benghozi, 2010). A adoção dessa variável justifica-se pela importância da hereditariedade na predição do Bem-Estar Subjetivo, bem como das crenças e percepções construídas a partir da família de origem (Lykken & Tellegen, 1996), o que se pretende testar neste estudo.

Método

Participantes

Foram incluídos no estudo três grupos independentes, divididos de acordo com o tipo de relacionamento em que estavam envolvidos, sendo um grupo composto por pessoas casadas há, pelo menos, dois anos (Grupo A, $n = 118$), um de solteiros(as) engajados(as) em relacionamento estável do tipo namoro há, no mínimo, um ano (Grupo B, $n = 140$) e outro de pessoas solteiras que não estavam namorando há, pelo menos, um ano (Grupo C, $n = 116$). Em todos os grupos, os participantes deveriam ter mais de 18 anos de idade, definir-se como heterossexual, ter nível mínimo de escolaridade equivalente ao Ensino Médio e não apresentar indícios aparentes ou relatados de distúrbios comportamentais ou cognitivos. Foram incluídos apenas filhos de pais casados em primeira união, excluindo-se os filhos de pais solteiros, recasados, separados e viúvos.

A amostra total foi do tipo não probabilística, composta por critérios de conveniência, totalizando 374 participantes. Foi realizado o cálculo de poder

estatístico considerando o modelo de Schlesselman (Moraes & Souza, 1998). Concluiu-se que o poder da amostra é de 73%, considerado um valor aceitável.

Instrumentos

Questionário de Identificação do Participante: esse instrumento foi desenvolvido pelos autores para a obtenção de dados gerais dos participantes (escolaridade, religião, renda, tempo de relacionamento etc.). Na parte final, acrescentou-se uma pergunta sobre o grau de satisfação do respondente em relação ao seu relacionamento atual (SR), que devia ser respondida apenas pelos grupos A e B, em uma escala que ia de (1) “nem um pouco satisfatório” a (5) “extremamente satisfatório”.

Classificação Socioeconômica: o critério Abipeme, da Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado (2008), é uma escala de classificação socioeconômica definida mediante a atribuição de pesos a um conjunto de itens de conforto doméstico, acrescidos do nível de escolaridade do chefe de família.

Escala de Bem-Estar Subjetivo (Albuquerque & Tróccoli, 2004): esse instrumento foi construído a partir de escalas existentes em outros países e é composto por dois conjuntos de itens de resposta do tipo Likert de cinco pontos. O primeiro grupo descreve afetos positivos e negativos (itens 1 ao 47). O sujeito deve responder como tem se sentido ultimamente em uma escala na qual 1 significa “nem um pouco” e 5 “extremamente”. Escores mais elevados nessa subescala indicam predominância dos afetos positivos sobre os negativos, contribuindo para um nível maior de bem-estar subjetivo. Na segunda parte, os itens variam do número 48 ao 62 e descrevem julgamentos relativos à avaliação de satisfação ou insatisfação com a vida, devendo ser respondidos em uma escala na qual 1 significa “discordo plenamente” e 5 “concordo plenamente”. Escores mais elevados indicam maior nível de satisfação com a vida. A estrutura e consistência dessa escala foram reavaliadas na presente amostra (n = 374). A análise dos componentes

principais e a análise fatorial exploratória (extração dos eixos principais - PAF, *Principal Axis Factoring* e rotação *oblimin*) também revelaram três fatores saturados pelos mesmos itens que, juntos, explicaram 45% da variância total dos resultados. Os alfas de Cronbach encontrados no presente estudo foram: afetos positivos ($\alpha = 0,90$), afetos negativos ($\alpha = 0,94$) e satisfação com a vida ($\alpha = 0,90$) (Scorsolini-Comin et al., 2015), confirmando, assim, a estrutura original. Esses índices são considerados satisfatórios (Pasquali, 2001).

Questionário de Conjugalidade dos Pais (QCP) (Ziviani et al., 2011): a versão original do QCP aplicada neste estudo é constituída por 56 itens fechados para serem respondidos em escala Likert de cinco pontos (sendo que “nunca” corresponde a 1 e “sempre” equivale a 5). Na codificação do instrumento é possível separar as questões relacionadas apenas ao pai, apenas à mãe ou a ambos, sendo que, neste último, obtém-se um índice geral, aqui denominado Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais. Escores mais elevados indicam uma percepção mais positiva acerca da conjugalidade. O alfa de Cronbach calculado para a presente amostra (n = 374) (Scorsolini-Comin et al., 2015) também foi satisfatório ($\alpha = 0,96$) (Pestana & Gageiro, 2005).

Escala Fatorial de Satisfação com o Relacionamento de Casal (EFS-RC) (Wachelke, Andrade, Souza, & Cruz, 2007): trata-se de um instrumento auto-administrado e de rápida aplicação, desenvolvido e validado no contexto brasileiro. Formado por nove itens do tipo Likert, subdivididos em duas dimensões de avaliação de esferas específicas do relacionamento de casal, a saber: Satisfação com a Atração Física e Sexualidade (SAFS) e Satisfação em Relação às Afinidades de Interesses e Comportamentos (SAIC) entre companheiros de relação. Escores mais elevados indicam uma percepção mais positiva acerca do relacionamento, ou seja, maior satisfação. Na presente amostra (Grupos A e B, n = 258), a análise dos componentes principais e a análise fatorial exploratória (extração dos eixos principais - PAF e rotação *oblimin*) também revelaram dois fatores que correspondem às dimensões previstas e que, juntos, explicaram 54,57% da variância

total do construto. Foram obtidos alfas de Cronbach: SAFS ($\alpha = 0,77$), SAIC ($\alpha = 0,64$), escala total ($\alpha = 0,79$) (Scorsolini-Comin et al., 2015).

Procedimentos

Coleta de dados

Os participantes foram contatados pelo pesquisador e a aplicação dos instrumentos foi realizada individualmente, em local acordado com o voluntário, ou em grupos, em salas de aula de duas universidades públicas dos estados de São Paulo e Minas Gerais (previamente informados da aplicação). O preenchimento dos instrumentos ocorreu logo após o estabelecimento do *rapport* e durou, em média, 30 minutos. A sequência dos instrumentos no caderno distribuído a cada participante era variável. Mesmo se tratando de casais (casados ou namorando), cada membro respondeu de modo independente, ou seja, sem a presença do cônjuge. Toda a coleta foi realizada por um único aplicador.

Análise dos dados

Todas as análises ocorreram no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 17.0). Foi realizada análise descritiva (médias, medianas, desvios-padrão e porcentagens). Para a realização de estudos inferenciais, aplicou-se o teste de normalidade Kolmogorov-Smirnov e análise de resíduos, sendo empregada estatística não-paramétrica para análise de correlações. Foram calculadas as correlações entre as medidas das variáveis contínuas a partir do coeficiente de correlação de Spearman. O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,05$.

Após a definição das correlações, estabeleceu-se a relação dos escores totais dos fatores mensurados a partir de um modelo de regressão linear múltipla. No modelo de regressão inicial foram consideradas as variáveis com associação significativa ou próxima significância ($p \leq 0,25$). Já no final, permaneceram apenas as variáveis com associação significativa com a variável dependente

($p \leq 0,05$). Para tanto, procedeu-se à normalização dos dados por meio de transformação logarítmica. Para definir os fatores associados às variáveis Afetos Positivos, Afetos Negativos, Satisfação com a Vida e Bem-Estar Subjetivo, estas foram definidas como variáveis dependentes, recorrendo-se a análises de regressão múltipla utilizando o método de seleção *stepwise*, no qual só permanecem no modelo as variáveis que apresentaram associação significativa com as dependentes do ponto de vista de análise múltipla.

Essa análise de regressão fornece um coeficiente de correlação múltipla o qual representa a correlação entre o composto de variáveis preditivas e a de critério. Na construção dos modelos para cada variável dependente, retiraram-se aquelas diretamente associadas ao fator (quando eram fatores de uma mesma escala), uma vez que já explicariam o fenômeno, evitando a multicolinearidade. Assim, na regressão do Bem-Estar Subjetivo, não foram considerados Afetos Positivos, Afetos Negativos e Satisfação com a Vida; para os Afetos Positivos, não foram considerados Afetos Negativos, Satisfação com a Vida e Bem-Estar Subjetivo; para os Afetos Negativos, não foram levados em conta Afetos Positivos, Satisfação com a Vida e Bem-Estar Subjetivo; por fim, para Satisfação com a Vida, não foram analisados Afetos Positivos, Afetos Negativos e Bem-Estar Subjetivo.

Em todas as regressões foram utilizadas como independentes as variáveis sociodemográficas (idade do respondente, do pai e da mãe, tempo de coabitação, renda, grau de instrução, tempo de relacionamento, tempo de casamento dos pais, número de filhos, informação sobre o chefe da família e se o respondente reside ou não com os pais), além das de conjugalidade (SR, SAFS, SAIC e Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais). As análises foram realizadas grupo a grupo e também para a amostra geral.

Os modelos de regressão foram fixados pela origem dos dados sem a utilização da constante, pois as escalas empregadas neste estudo não utilizam o valor 0 (zero) para representar a resposta nula, ou seja, as respostas começam em 1 (um)

(Montgomery, Vining, & Peck, 2001). Para comparar se houve ou não diferenças significativas entre os grupos e cada variável foi utilizado o método de Análise de Variância (Anova), empregado quando os dados assumem uma distribuição normal. Posteriormente, foi utilizado o teste *Post Hoc* de Tukey ($p \leq 0,05$). Além disso, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo (Processo nº 439/2009).

Resultados

Participaram da pesquisa 374 indivíduos, entre casados ($n = 118$), solteiros que namoravam ($n = 140$) e solteiros que não namoravam ($n = 116$) à época da coleta. Do total de participantes, 68,98% eram do sexo feminino. Em relação ao nível de escolaridade, 56,68% tinham ensino superior incompleto (interrompido ou cursando) e 53,70% eram estudantes. No que concerne à classificação socioeconômica da amostra, 63,10% eram da classe B e a renda mensal média foi de R\$ 4.746,82 (Desvio-Padrão - $DP = 4.011,54$). A média de idade foi de 28,02 ($DP = 11,20$) anos. A do número de filhos foi de 0,49 ($DP = 0,91$), sendo que a média de idade destes foi de 14,60 ($DP = 8,65$) anos. O tempo de casamento dos pais foi de 30,20 ($DP = 9,83$) anos (Scorsolini-Comin et al., 2015). Com relação ao grau de satisfação expresso em relação ao casamento e ao namoro (SR, presente no questionário de identificação), a média foi de 4,16 ($DP = 0,79$), em uma escala de 1 a 5, sendo 1 a menor satisfação e 5 a maior.

Neste estudo, o Bem-Estar Subjetivo foi mensurado a partir da aplicação da Escala de Bem-estar Subjetivo. Esta foi confirmada como um instrumento consistente, uma vez que seus fatores se mostraram moderadamente associados entre si. Uma evidência disso é que os Afetos Positivos correlacionaram-se significativa e moderadamente com os Negativos ($rho = -0,35$; $p < 0,001$), o que foi encontrado na pesquisa de construção e validação da Escala de Bem-Estar Subjetivo ($rho = -0,36$; $p < 0,001$) (Albuquerque & Tróccoli, 2004). A correlação é negativa, na medida em que os Afetos Positivos não são diametralmente opostos aos Negativos, mas apre-

sentam sentidos díspares (Scorsolini-Comin & Santos, 2012b; Seligman, 2011; Zanon & Hutz, 2014). Assim, pessoas com alto nível de Afetos Positivos, como contentamento, alegria, otimismo e resiliência, devem, necessariamente, apresentar níveis baixos de depressão, tristeza, melancolia e de embotamento afetivo. A Satisfação com a Vida, no entanto, não se mostrou significativamente correlacionada com ambos os tipos de afeto, o que difere dos resultados encontrados por Albuquerque e Tróccoli (2004) e Scorsolini-Comin e Santos (2012b) em outras amostras.

Houve diferenças significativas entre os três grupos quanto aos Afetos Positivos. Esta ocorreu entre os casados e os solteiros que não namoram. Analisando os Afetos Positivos entre os grupos A e C, observa-se que os casados apresentam nível mais elevado do que os solteiros que não namoram. Esse apontamento é condizente com os estudos os quais afirmam que pessoas casadas são mais felizes do que as solteiras ou do que aquelas que não mantêm relacionamento amoroso (Dush & Amato, 2005; Seligman, 2011; Suhail & Chaudhry, 2004). Assim, os casados relatam com maior frequência emoções positivas e sensações de bem-estar.

Para definir, no conjunto das variáveis deste estudo, aquelas que seriam os fatores associados aos Afetos Positivos, Afetos Negativos, Satisfação com a Vida e Bem-Estar Subjetivo, elas foram definidas como variáveis dependentes. Para isso, recorreu-se às análises de regressão múltipla, utilizando-se o método de seleção *stepwise*, de modo que permanecessem no modelo apenas as variáveis que apresentassem associação significativa com as dependentes. Assim, a partir da variância comum, consegue-se prever a variação da outra variável.

No grupo A, de casados, a Satisfação com a Atração Física e Sexualidade foi o fator mais associado ao Bem-Estar Subjetivo e aos Afetos Positivos, ao passo que a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais explicou os Afetos Negativos e a Satisfação com a Vida. No grupo B, solteiros que namoram, a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais esteve associada aos Afetos Positivos, Satisfação com a Vida e Bem-Estar Subjetivo. O tempo de coabitação explicou os Afetos Negativos nesse grupo. Já no grupo C, solteiros que

não namoram, a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais explicou todos os fatores de Bem-Estar Subjetivo, Afetos Positivos, Afetos Negativos e Satisfação com a Vida. Na amostra geral, a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais também explicou todos os fatores, em modelos com elevado poder de predição. Os resultados completos dessas análises de regressão são apresentados na Tabela 1.

Discussão

Entre os casados, a Satisfação com a Atração Física e Sexualidade esteve associada aos Afetos

Positivos e ao Bem-Estar Subjetivo estando, desse modo, relacionada a componentes afetivos como otimismo, auto-estima, energia e excitação, predizendo o Bem-Estar Subjetivo do grupo. Pode-se afirmar, comparando esse achado com os demais grupos, que a satisfação física e sexual parece exercer maior influência entre os casados, balizando o bem-estar. Ainda entre essas pessoas, a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais está associada aos Afetos Negativos e à Satisfação com a Vida. Sugere-se que, especificamente para esse grupo, não apenas a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais estaria relacionada diretamente aos níveis de Bem-Estar Subjetivo, mas

Tabela 1

Análise de regressão múltipla pelo método stepwise, estabelecendo as variáveis Afetos Positivos, Afetos Negativos, Satisfação com a Vida e Bem-Estar Subjetivo como dependentes, por grupo e na amostra geral (n = 374)

Grupo	Variável Dependente	Variável Independente (Preditora)	B	t	R ² ajustado	p	Durbin-Watson
A	Afetos Positivos	Satisfação com a Atração Física	3,877	55,705	0,968	0,000	1,615
	Afetos Negativos	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	0,309	31,186	0,895	0,000	1,942
	Satisfação com a Vida	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	0,289	90,627	0,986	0,000	1,658
	Bem-Estar Subjetivo	Satisfação com a Atração Física	8,804	50,819	0,968	0,000	2,028
B	Afetos Positivos	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	0,434	57,736	0,960	0,000	1,874
	Afetos Negativos	Tempo de coabitação	0,005	35,918	0,902	0,000	2,002
	Satisfação com a Vida	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	0,277	112,293	0,989	0,000	2,025
	Bem-Estar Subjetivo	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	1,033	95,669	0,985	0,000	2,022
C	Afetos Positivos	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	0,422	62,455	0,971	0,000	2,020
	Afetos Negativos	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	0,312	34,932	0,913	0,000	1,757
	Satisfação com a Vida	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	0,280	112,098	0,991	0,000	1,686
	Bem-Estar Subjetivo	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	1,014	93,452	0,987	0,000	1,926
Amostra geral	Afetos Positivos	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	0,450	76,094	0,960	0,000	1,683
	Afetos Negativos	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	0,316	47,296	0,898	0,000	1,881
	Satisfação com a Vida	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	0,282	141,141	0,987	0,000	1,982
	Bem-Estar Subjetivo	Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais	1,087	67,492	0,982	0,000	1,644

também a satisfação no próprio casamento, o que permite destacar a qualidade conjugal e a percepção sobre a qualidade do relacionamento afetivo dos pais como importantes fatores. Isso não equivale a dizer que pessoas casadas são mais felizes do que as solteiras (Dush & Amato, 2005), mas que a satisfação conjugal pode predizer o Bem-Estar Subjetivo, juntamente com as experiências na família de origem (Benghozi, 2010). A partir da psicanálise dos vínculos sociais, pode-se compreender que os elementos psíquicos os quais são transmitidos de uma geração a outra necessitariam das possíveis remalhagens de vínculos ocorridas na vida adulta. Para Benghozi (2010), o casamento proporcionaria que vinculações negativas na infância pudessem ser remalhadas por meio de relacionamentos amorosos satisfatórios estabelecidos na vida adulta. Ao considerar os achados do presente estudo, tanto a conjugalidade dos pais quanto a dos filhos estariam na base da explicação do Bem-Estar Subjetivo.

Entre as pessoas que namoram, a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais está associada aos Afetos Positivos, Satisfação com a Vida e Bem-Estar Subjetivo. O tempo de coabitação associou-se aos Afetos Negativos, de modo que, no namoro, quanto maior esse tempo, mais elevados são os níveis de Afetos Negativos. Para essa amostra, o tempo de convivência no mesmo lar vem associado à maior expressão de afetos negativos, como angústia, depressão e ansiedade. Isso não foi observado entre os casados, que moram, necessariamente, no mesmo local, podendo sugerir que o casamento acrescentaria outros elementos à convivência. Pode-se depreender, ainda, que a coabitação no namoro talvez se apresente de modo distinto da que ocorre no casamento, gerando maior afetividade negativa devido a elementos que não puderam ser capturados pelo delineamento aqui proposto.

Entre as pessoas que não estão engajadas em relacionamentos estáveis (grupo C), a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais está associada ao Bem-Estar Subjetivo e suas dimensões Afetos Positivos, Afetos Negativos e Satisfação com a Vida. Nesse grupo, em um modelo que explicou 98,7% da variância, a Percepção dos filhos sobre a

Conjugalidade dos Pais explicaria o Bem-Estar Subjetivo desses participantes. Portanto, esse parâmetro explicaria o Bem-Estar Subjetivo nos grupos de solteiros (B e C), mostrando que o namoro não alteraria muito a avaliação do Bem-Estar Subjetivo. O casamento, no entanto, já envolveria a satisfação conjugal, explicando o Bem-Estar Subjetivo. Desse modo, pode-se considerar que estar casado ou solteiro interfere no bem-estar, corroborando resultados de pesquisas desenvolvidas, sobretudo, na abordagem da Psicologia Positiva (Diener & Lucas, 2000; Diener & Seligman, 2003; Scorsolini-Comin & Santos, 2011, 2012a, 2012b; Seligman, 2011; Snyder & Lopez, 2009).

Em outras palavras, os solteiros teriam na base do Bem-Estar Subjetivo o modo como percebem a conjugalidade dos pais (memórias passadas, avaliação de satisfação, recordações positivas e negativas), o que coloca em destaque a importância do casal parental não apenas como modulador do psiquismo, mas também das experiências emocionais e cognitivas do bem-estar. Já os casados, além da Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais explicando os Afetos Negativos e a Satisfação com a Vida, teriam a Satisfação com a Atração Física e Sexualidade explicando os Afetos Positivos e Bem-Estar Subjetivo geral. Esse achado obriga a cotejar a satisfação conjugal como um fator fortemente associado ao Bem-Estar Subjetivo, ultrapassando a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais.

Benghozi (2010) sugere que o casamento pode ser considerado um relacionamento significativo com poder de remalhar experiências consideradas negativas na família de origem, sobretudo em relação ao casal parental. Isso permite que o Bem-Estar Subjetivo seja mantido e explicado pela satisfação conjugal e não mais (ou apenas) pela Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais, como ocorre nos solteiros. A psicanálise dos vínculos sociais já atesta essa possibilidade de remalhagem em termos teóricos, porém os achados deste estudo acrescentam que, do ponto de vista empírico, esse processo também pode estar relacionado ao nível de Bem-Estar Subjetivo.

O modo como os filhos percebem o relacionamento conjugal dos pais interfere na experiência subjetiva do bem-estar. Assim, embora não se possa afirmar, inequivocamente, pelos dados aqui apresentados, que esse conceito está relacionado significativamente com a percepção da conjugalidade dos filhos, como apregoado predominantemente na literatura científica, pode-se destacar que prediz o bem-estar experienciado pelos filhos solteiros. O Bem-Estar Subjetivo, a partir dessas considerações, passa a ser um elemento que tanto pode promover a satisfação no relacionamento (sobretudo, pelos afetos positivos), quanto ser promovido em função de se experienciar uma relação amorosa como o casamento, de relatar satisfação sexual e de ter uma percepção saudável e adaptativa acerca do casamento dos pais.

Assim, a difícil tarefa de avaliar um relacionamento passa pela consideração da relação na qual se está engajado, de modo que não se pode desconsiderar o *status* do respondente, isto é, o lugar do qual ele avalia e emite sua opinião sobre o que é estar junto de alguém. Comparando os três grupos investigados, as diferenças mais significativas foram obtidas em relação à Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais e aos Afetos Positivos, indicando que esses domínios variam de acordo com os relacionamentos estabelecidos. Esses achados sugerem a necessidade de realização de novos estudos, os quais permitam compreender as repercussões individuais desses importantes eventos que ocorrem durante o ciclo vital: o namoro e o casamento. Por que os Afetos Positivos seriam diferentes em pessoas casadas e nas que namoram? Essa diferença estaria relacionada, unicamente, ao fato de se estar ou não engajado em um relacionamento amoroso?

Pelo presente estudo, pode-se afirmar que os Afetos Positivos nos casados seriam explicados pela Satisfação com a Atração Física e Sexualidade, ao passo que nos solteiros seriam explicados pela Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais. Com base no modelo difundido pela Psicologia Positiva, abre-se a necessidade de promover relacionamentos positivos capazes não de mudar a história de vida do sujeito (bem como suas heranças,

ditos, não-ditos e interditos familiares), mas de possibilitar um posicionamento mais saudável e satisfatório diante da vida e das vinculações que podem ser estabelecidas, quer seja no plano do namoro ou do casamento (Scorsolini-Comin et al., 2015). A Psicologia Positiva não desconsidera a importância das relações estabelecidas anteriormente nem das vinculações com os pais desde a infância. Esse simplesmente não é o foco da abordagem, mas sim os aspectos que podem promover maior bem-estar e o chamado florescimento (Scorsolini-Comin et al., 2013). Se forem incluídos os achados do presente estudo nessas considerações, a Psicologia Positiva também poderia investigar mais a fundo o papel central da conjugalidade dos pais na manifestação do Bem-Estar Subjetivo dos filhos, o que ainda não foi devidamente empreendido pelos pesquisadores dessa abordagem.

Segundo Seligman (2011), para florescer, um indivíduo deveria reunir todas as características essenciais do bem-estar (emoções positivas, engajamento, interesse, sentido, propósito), além de algumas das características consideradas adicionais, como autoestima, otimismo, resiliência, vitalidade, autodeterminação e relacionamentos positivos. Estes, por sua vez, consideram tanto a existência de pessoas que se importam com o indivíduo, quanto o nível de interesse e preocupação que ele expressa em relação a outrem. Essa definição abarcaria, também, os relacionamentos amorosos, de modo que investir nesses laços equivaleria a desenvolver as potencialidades responsáveis pela manutenção do bem-estar. Nessa direção, a literatura indica que o mais importante é a sensação de segurança na relação e não o fato de ser casado ou não (Diener et al., 2000).

Assim, a discussão dessas considerações, as quais perfazem um aporte auxiliar na compreensão dos resultados obtidos neste estudo, deseja-se oferecer uma alternativa que permita compreender os aspectos arrolados pelas pessoas ao responderem se estão ou não satisfeitas em seus namoros ou casamentos. A possibilidade de ter acesso à história do sujeito remete não apenas àquilo que é inconsciente, ao que foi escamoteado, proibido e que permanece interdito por efeito do recalçamento,

mas também aos aspectos positivos, saudáveis e adaptativos que também são transmitidos na dinâmica familiar e continuamente construídos e reconstruídos nos relacionamentos afetivos da vida adulta.

Compreender o real papel desempenhado pelos Afetos Positivos em pessoas engajadas em diferentes relacionamentos afetivos pode apontar para a necessidade de uma leitura que considere a transmissão psíquica de uma geração para outra (Ziviani et al., 2011), não apenas pela via da negatividade (como se observa, tradicionalmente, na clínica psicanalítica), mas pelo caminho positivo, pelos modelos considerados adaptativos e pelas experiências capazes de despertar o florescimento de potencialidades no ser humano. Dentre essas experiências, destaca-se a capacidade de se engajar em relacionamentos amorosos que levem à assunção de um sentido de vida e de aumento na frequência de Afetos Positivos. Essas considerações vêm sendo implementadas, por exemplo, na prática clínica sob orientação da Psicologia Positiva. A chamada Psicoterapia Positiva vem registrando bons resultados, embora não haja relatos abundantes de intervenções desenvolvidas especificamente na clínica de casal. Os elementos aqui considerados e discutidos podem ser norteadores para que essas práticas sejam desenvolvidas, aprimoradas e avaliadas.

Uma ressalva a ser feita é que esse olhar para o positivo ou para o adaptativo não é exclusivo da Psicologia Positiva, nem é totalmente negligenciado pelas abordagens psicanalíticas priorizadas na elaboração do presente estudo. Prova disso é o foco recente nos processos de transformação da malhaagem inicial no modelo proposto por Benghozi (2010). O continente grupal familiar estaria sempre aberto a novas configurações, podendo se transformar ao se encontrar com outros continentes grupais familiares na ocasião dos enlaces amorosos. A transformação psíquica, nesse sentido, pressuporia a possibilidade mutativa de transformar aspectos considerados negativos em positivos, a partir da remalhagem e da desmalhagem do vínculo, ocorridas no contexto do contato amoroso com outrem. Essa consideração dialoga diretamente com pressupostos da Psicologia Positiva, a qual preconiza ajustar o

foco do olhar no positivo, no saudável e no potencialmente transformador.

Assim, pode-se avançar no sentido de aproximar conceitos, como o de resiliência individual, valorizado pela Psicologia Positiva, com a noção de resiliência familiar abordada por Benghozi (2010). A despeito de eventos considerados negativos e traumáticos, de condições adversas de desenvolvimento e dos fantasmas que se perpetuam de geração em geração devido à sua não elaboração, aspectos salutareos podem ser desenvolvidos e estratégias podem ser traçadas no sentido de promover as condições para uma melhor preservação do vínculo. Essa consideração propõe retomar a resiliência familiar benghoziana como um aspecto adaptativo do ser humano. Coloca em destaque a capacidade de vincular-se afetivamente a alguém (construção do laço afiliativo) como um potencializador de mudanças em estruturas possivelmente comprometidas do laço psíquico filiativo (pelos processos de remalhagem e de desmalhagem), bem como um indicativo de bem-estar usufruído, quer seja no namoro ou no casamento.

O estudo concluiu que a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais está associada ao Bem-Estar Subjetivo nos grupos de solteiros. Nos casados, esse bem-estar é explicado pela satisfação em relação à atração física e sexualidade. Tais evidências sugerem a importância de associar os níveis de Bem-Estar Subjetivo à satisfação que as pessoas expressam no casamento, conforme apontam estudos correntes (Scorsolini-Comin & Santos, 2012a; Scorsolini-Comin et al., 2015). O que pode ser acrescentado a partir da presente investigação é que a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais parece ser um importante preditor do Bem-Estar Subjetivo em solteiros, achado que deve ser melhor investigado a partir de outros estudos, notadamente na abordagem da Psicologia Positiva, uma vez que esse resultado não faz parte da agenda de pesquisas em curso (Seligman, 2011).

Aqui algumas considerações se impõem: como os solteiros ainda não experienciaram um relacionamento semelhante ao casamento, ainda que alguns namorem há bastante tempo, a per-

cepção sobre o que esse tipo de relação seria pode ser mais positiva e muito influenciada pela satisfação aferida com o próprio namoro. Nesse sentido, avaliar um namoro de longa duração, por exemplo, seria equivalente a avaliar um casamento? De acordo com a literatura científica, a resposta a essa questão é negativa. Avaliar pessoas casadas que coabitam é equivalente a analisar pessoas que namoram e coabitam? Pela literatura, não.

Nesse sentido, vale recordar que os preditores do Bem-Estar Subjetivo foram investigados, no presente estudo, juntamente com variáveis específicas, como as sociodemográficas e de conjugalidade. Não se trata, pois, de elencar todos os preditores do bem-estar, o que incluiria variáveis de personalidade e também de hereditariedade, por exemplo. Assim, esses dados devem ser apreciados com parcimônia. Essa aparente limitação deu origem a um achado que destacou a conjugalidade dos pais como preditora do bem-estar na amostra geral, o que deve ser acompanhado por estudos futuros, com outras amostras e delineamentos que permitam compreender características ambientais, contextuais e culturais que estejam envolvidas com as percepções sobre os relacionamentos amorosos. Também é importante analisar as possíveis sobreposições nos conteúdos das diferentes escalas utilizadas, o que poderia explicar as elevadas associações encontradas. O recorte transversal, desconsiderando o efeito da passagem do tempo, pode ser incluído, por fim, como outra limitação deste estudo.

Deve-se considerar que esta pesquisa recrutou pessoas advindas de arranjos considerados tradicionais e que não representam a diversidade observada nas famílias atuais, como as recompostas, monoparentais ou mesmo aquelas compostas por casais do mesmo sexo. Novos estudos devem ser realizados a fim de compreender como o Bem-Estar Subjetivo se apresenta nesses diferentes arranjos e modalidades de relacionamentos interpessoais, de modo que esse construto possa ser investigado juntamente com as diversas transformações encontradas na contemporaneidade. Essas mudanças podem, no futuro, promover revisões acerca do bem-estar, demandando dos pesquisadores maior atenção às dimensões macrossociais.

Colaboradores

F. SCORSOLINI-COMIN participou da concepção e delineamento do estudo, da coleta e análise de dados, bem como da redação e revisão do manuscrito. A. M. G. V. FONTAINE participou da análise e interpretação dos dados. S. M. BARROSO participou da análise dos dados e da redação do manuscrito. M. A. SANTOS participou da concepção e delineamento do estudo, da análise de dados, bem como da redação e revisão do manuscrito.

Referências

- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*(2), 153-164.
- Albuquerque, I., Lima, M. P., & Matos, M. (2012). Personality and subjective well-being: What hides behind global analyses? *Social Indicators Research, 105*(3), 447-460.
- Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado. (2008). *Critério de classificação socioeconômico do Brasil*. São Paulo: Autor.
- Benghozi, P. (2010). *Malhagem, filiação e afiliação - psicanálise dos vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social*. São Paulo: Vetor.
- Díaz Llanes, G. (2001). El bienestar subjetivo: actualidad y perspectivas. *Revista Cubana de Medicina e Genética Integral, 17*(6), 572-579.
- Diener, E., Gohm, C., Suh, E., & Oishi, S. (2000). Similarity of the relations between marital status and subjective well-being across cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 31*(4), 419-436.
- Diener, E., & Lucas, R. E. (2000). Explaining differences in societal levels of happiness: Relative standards, need fulfillment, culture and evaluation theory. *Journal of Happiness Studies, 1*(1), 41-78.
- Diener, E., & Seligman, M. E. P. (2003). Very happy people. *Psychological Science, 13*(1), 81-84.
- Dush, C. M. K., & Amato, P. R. (2005). Consequences of relationship status and quality for subjective well-being. *Journal of Social and Personal Relationships, 22*(5), 607-627.
- Galinha, I. C. (2008). *Bem-estar subjetivo: fatores cognitivos, afetivos e contextuais*. Coimbra: Quarteto.
- Hong, L., & Duff, R. (1997). Relative importance of spouses, children, and friends in the life satisfaction of retirement community residents. *Journal of Clinical Geropsychology, 3*, 275-282.
- Layous, K., & Zanon, C. (2014). Avaliação da felicidade subjetiva: para além dos dados de autorrelato. In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia positiva* (pp.23-41). Porto Alegre: Artmed.

- Lucas, R. E., & Diener, E. (2010). Personality and subjective well-being. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality* (3rd ed., pp.795-814). New York: The Guilford Press.
- Lykken, D. T., & Tellegen, A. (1996). Happiness is a stochastic phenomenon. *Psychological Science*, 7(3), 186-189.
- McCullough, G., Heubner, E., & Laughlin, J. (2000). Life events, self-concept, and adolescent's positive subjective well-being. *Psychology in the Schools*, 37(3), 281-291.
- Myers, D. (1999). *The pursuit of happiness: Who is happy and why?* New York: William Morrow.
- Montgomery, D., Vining, G., & Peck, E. A. (2001). *Introduction to linear regression analysis*. New Jersey: John Wiley Profession.
- Moraes, S. A., & Souza, J. M. P. (1998). Metodologia caso-controle em epidemiologia de doenças cardiovasculares. *Revista de Saúde Pública*, 32(1), 82-88.
- Nunes, C. H. S., Hutz, C. S., & Giacomoni, C. H. (2009). Associação entre bem-estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 99-108.
- Pasquali, L. (Org.). (2001). *Técnicas de exame psicológico: manual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. M. (2005). Análise factorial. In M. H. Pestana & J. M. Gageiro. *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (pp.487-531). Lisboa: Sílabo.
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., Koller, S. H., & Santos, M. A. (2013). From authentic happiness to well-being: The flourishing of positive Psychology. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 663-670.
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Conjugalidade dos pais: percepções de indivíduos casados e solteiros. *Avaliação Psicológica*, 14(2), 223-231.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2011). Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da Psicologia positiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 658-665.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012a). A medida positiva dos afetos: bem-estar subjetivo em pessoas casadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(1), 11-20.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012b). Correlations between subjective well-being, dyadic adjustment and marital satisfaction in Brazilian married people. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(1), 166-176.
- Seligman, M. E. P. (2011). *Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. São Paulo: Artmed.
- Souza, L. K., & Duarte, M. G. (2013). Amizade e bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 429-436.
- Suhail, K., & Chaudhry, H. R. (2004). Predictors of subjective wellbeing in an Eastern Muslim culture. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 23(3), 359-376.
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., Souza, A. M., & Cruz, R. M. (2007). Estudo complementar da validade fatorial da escala fatorial de satisfação em relacionamento e predição de satisfação global com a relação. *Psico-USF*, 12(2), 221-225.
- Woyciekoski, C., Stenert, F., & Hutz, C. S. (2012). Determinantes do bem-estar subjetivo. *Psico* (Porto Alegre), 43(3), 280-288.
- Zanon, C., & Hutz, C. S. (2014). Escala de afetos positivos e negativos (PANAS). In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia positiva* (pp.63-67). Porto Alegre: Artmed.
- Ziviani, C., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2011). Sons and daughters' perception of parents as a couple: Distinguishing characteristics of a measurement model. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(1), 28-39.
- Ziviani, C., Féres-Carneiro, T., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2015). Avaliação dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade: o construto percepção dos filhos sobre a conjugalidade dos pais. In S. M. Barroso, F. Scorsolini-Comin, & E. Nascimento (Orgs.), *Avaliação psicológica: da teoria às aplicações* (pp.154-186). Petrópolis: Vozes.

Recebido: fevereiro 25, 2014
 Versão final: dezembro 1, 2014
 Aprovado: abril 7, 2015